

LÉXICO E CONHECIMENTO DE MUNDO

Tania Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ / UNISUAM)
taniamnlc@gmail.com

RESUMO

Numa perspectiva cognitivo-representativa, o léxico constitui a codificação da realidade extralinguística interiorizada de uma comunidade linguística. Quanto maior for o domínio lexical do usuário, maior será sua capacidade de interação com o outro. Considerados os diferentes níveis de uma língua, o lexical apresenta-se, sem dúvida, como a porta mais aberta na relação entre as várias culturas existentes, sem que tal intercâmbio traga qualquer prejuízo para as línguas em constante inter-relação. Nesse aspecto, destaca-se o papel dos estrangeirismos e dos empréstimos linguísticos como determinantes da ampliação do universo das palavras em uso. Dentro, pois, de uma perspectiva comunicativa, o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística interagem é fator determinante para a produção de sentido. Assim, a leitura de um texto passa, entre outros aspectos envolvidos, pelo conhecimento lexical, que, por sua vez, remete à leitura e ao conhecimento do mundo exterior. Destaca-se, nesse aspecto, o papel da intertextualidade, recurso empregado com frequência pelos autores e cumpridor de papéis diversos, entre os quais o resgate histórico-cultural de costumes e práticas sociais, mais ou menos, recentes. O léxico apresenta-se, ainda hoje, como um campo de estudo profícuo, além de extremamente necessário, dada a importância que possui. Desse modo, deve o professor, nos diferentes níveis de ensino, mostrar ao aluno a importância do léxico, em função das intenções comunicativas.

Palavras-chave: Léxico. Realidade extralinguística. Frequência

A presente comunicação, como expõe o título, tem a finalidade de relacionar o conhecimento lexical e as informações advindas do mundo exterior. Por extensão, estando meu interesse de pesquisa focado na área de ensino, tenciono refletir acerca de questões relativas à leitura, levantando algumas dificuldades frequentes nessa atividade, as quais podem acarretar, para o aluno, problemas de compreensão e, conseqüentemente, de atribuição de sentido ao texto que lhe for apresentado.

Segundo o dicionário Houaiss (2001, s.v.), entende-se por léxico "...o repertório total de palavras existentes numa determinada língua...". Em Câmara Jr. ([s.d.], s.v.), "... como sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada". Ain-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

da segundo Câmara Jr., o léxico “... é a série dos semantemas da língua, vistos através da sua integração em palavras...”; um sistema aberto “...com um número de elementos indefinido. Por isso, é no léxico que se verifica amplamente a mudança ...”.

De acordo com Cunha (1997, p. 393), no Brasil ainda são bastante reduzidos os estudos lexicais; faltam-nos trabalhos que coloquem o léxico da língua portuguesa no lugar de destaque que ele merece estar. Não apenas dicionários de grande porte fazem-se necessários; igualmente importantes são os glossários de termos encontrados em determinado autor contemporâneo ou não (sirva de exemplo a obra *O Léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant’Anna Martins), bem como glossários dos africanismos presentes na língua portuguesa, da influência de outras línguas de cultura, além do inglês e do francês, dos vocábulos específicos de diferentes formas de arte, campos científicos, atividades profissionais, por exemplo.

Para Mario Vilela (1995, p. 13),

O léxico e, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de ma comunidade linguística comunicam entre si.

Unindo as duas pontas do cordão conceitual de Vilela – a realidade extralinguística e a interação social –, é correto afirmar tratar-se “...sempre da codificação de um saber partilhado...” (*idem*), na prática, em maior ou menor grau, entre os indivíduos que têm na competência linguística um traço comum.

Desse modo, o léxico encerra a codificação de um saber partilhado e mundo, levando-se em conta tanto a representação a realidade extralinguística, quanto à comunicação que se estabelece entre os membros de uma comunidade linguística, com o uso das palavras que dela fazem parte.

Portanto, o conhecimento lexical constitui uma das etapas para que possa efetivamente ocorrer a comunicação entre os indivíduos, especialmente quando se trata e uma área específica do conhecimento, o que, por sua vez, não afasta essa necessidade em comunicações mais cotidianas, envolvendo o contato com gêneros textuais pertencentes a outros domínios discursivos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Trataremos aqui de alguns casos que refletem diretamente o binômio léxico-mundo, a partir de dificuldades de compreensão de textos observadas em alunos do Ensino Médio e de alguns cursos de graduação. Desse modo, delimitamos nossas considerações a situações que envolvem o uso de neologismos, de arcaísmo, de gíria, de intertextualidade e um recurso que estamos denominando, por ora, “sinonímia circunstancial”, até encontrarmos um nome melhor.

As rápidas mudanças que ocorrem em todos os setores da vida contemporânea tornam um grande desafio conseguir acompanhá-las, estar a par de tudo quanto se passa. Do mesmo modo, não conseguir acompanhar esse ritmo significa desconhecer as informações mais recentes e, por isso, ficar à margem do mundo. A língua, espelho da cultura, reflete, pelo uso que dela fazem os falantes, essas novidades, muitas vezes criando novas palavras e abandonando outras. A mudança de costumes sociais, as novas invenções, os avanços tecnológicos implicam alterações no vocabulário, fazendo surgir os rótulos “neologismo” e “arcaísmo”, que remetem, respectivamente, às ideias e “novidade” e “envelhecimento”.

Numa atitude preconceituosa, antigos gramáticos apresentavam o neologismo como vício de linguagem, uma vez que consideravam a língua algo pronto e acabado no qual não se podia mexer, defendendo o que se pode chamar de imobilidade vocabular. Ao lado da estagnação, uma língua que assim se comportasse perderia sua função social, na medida em que se apartaria da sociedade que representa, imobilizando-se. A busca constante do novo é traço característico do ser humano, o que determina as descobertas, as invenções que precisam ser devidamente “batizadas”, daí a existência natural do neologismo.

Como exemplo do emprego de neologismos, consideremos a seguinte passagem:

Antitucanês Reloaded, a Missão! Continuo com a minha heroica e mesopotâmica campanha Morte ao Tucanês. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em Juazeiro, Ceará, tem uma churrascaria chamada Pau do Guarda. Botaram o pinto do guarda no espeto (...)

Mais direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção! Cartilha do Lula. O Orélio do Lula. Mais um verbete pro

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

óbvio lulante. “Evangélica”: companheira que se converteu em Angélica.
O lulês é mais fácil que o inglês...

(José Simão. *Folha de São Paulo*, 18/08/09)

O trecho acima, cujo autor é conhecido por seu humor cáustico, coloca o leitor frente a três criações neológicas: “tucanês”, “anti-tucanês” e “lulês”, bem como à ampliação de sentido do adjetivo “mesopotâmica”.

O vocábulo “tucanês” tem na política a base de seu significado: remete ao Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), cujo símbolo é um tucano. É preciso, pois, considerar o contexto político brasileiro que motivou o aparecimento do vocábulo em questão. Por esse partido, Fernando Henrique Cardoso elegeu-se e reelegeu-se Presidente do Brasil (1994-2001). Durante seu duplo mandato, a imprensa constantemente criticava a maneira rebuscada e até mesmo eufêmica como eram passadas as informações ao público em geral pela equipe do governo, pelos ministros e burocratas do segundo escalão. Eram construções com um vocabulário, ao mesmo tempo, erudito, pouco claro e redutor de impactos negativos. Sejam os exemplos a seguir, extraídos, na época, de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro e em São Paulo: “redução compulsiva do consumo de energia elétrica”: corte de energia; “retracionismo na empregabilidade”: desemprego.

Tal procedimento desencadeou em José Simão o desejo de combater essa variação linguística diafásica, que diariamente se estampava na imprensa falada e escrita. Aquela forma característica de os tucanos (denominação dada pela imprensa aos membros do PSDB) se expressarem, aquela “língua” própria foi denominada “tucanês” por Simão. A formação do vocábulo deu-se por analogia a outros idiomas conhecidos: português, inglês, francês, por exemplo.

Percebe-se, assim, que o desconhecimento do contexto histórico que subjaz o ermo “tucanês” pode gerar dificuldade na atribuição de sentido ao texto, o que acaba por impedir, nesse caso, a percepção do humor como gerador da crítica.

Por sua vez, a eleição de Luís Inácio Lula da Silva para presidente, substituindo Fernando Henrique, acarreta, segundo Simão, mudança na expressão linguística. Naquele momento, o Brasil confi-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a, e muito, no *slogan* que passou a representar o governo federal: “Brasil, um país de todos”, cujo conteúdo pressupõe clareza, transparência, simplicidade na forma de abordar os fatos nacionais. Uma “nova língua” a ser adotada, oposta à anteriormente apresentada. Nesse contexto, o jornalista cunha o vocábulo “antitucanês”, forma de expressão direta, que não traz para o público leitor/ouvinte dificuldades de compreensão. Esse é, pois, o suporte para o emprego da expressão que dá nome à citada churrascaria “Pau do Guarda”. Como declara o próprio José Simão, no fragmento apresentado, “Mais direto impossível”. São exemplos do “antitucanês”, extraídos de crônicas do próprio autor: “Motel Traição: Aqui se trai, aqui se paga”; “Açougue Um Boi a Menos”, entre muitos outros. O aluno que desconheça as condições de produção do texto, entre as quais se encontra o contexto histórico, dificilmente teria como interagir com a crônica.

A quebra de expectativa em relação à forma de governar do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, bem como os desvios e impropriedades linguísticas presentes com frequência em seus discursos levaram José Simão a criar um novo “idioma”: o lulês, que se caracteriza por itens lexicais, cujos significados muito pouco correspondem àqueles registrados nos dicionários de língua portuguesa. O significado de um vocábulo normalmente decorre das semelhanças fônicas existentes entre determinada palavra outras vistas como seus elementos mórficos, que, na verdade, não o são.

Na passagem apresentada, ao vocábulo “evangélica” é atribuído o significado “companheira que se converteu em Angélica”. De acordo com o “lulês”, “evangélica” apresenta os seguintes elementos formadores: “ev” e “Angélica”. Embora na língua portuguesa encontremos o elemento mórfico “ev” com sentido de “bom/boa”, no exemplo em questão, é a ele atribuído o significado de “conversão”, provavelmente pelo fato de, no cotidiano, ocorrerem, por parte dos praticantes, frequentes mudanças de uma religião a outra.

A coluna de José Simão, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, apresentam numerosos exemplos do “lulês”, tais como “alopatia: dar um telefonema para a tia”; “leilão: Leila com uns dois metros de altura”, entre outros.

Com relação ao emprego do adjetivo “mesopotâmica”, que,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

denotativamente, remete ao significado “natural da Mesopotâmia”, aparece, no trecho em questão, conotando a ideia de grandiosidade. O conhecimento histórico da famosa e antiga “região entre rios” é fundamental para a compreensão da metáfora produzida.

Quanto aos arcaísmos, sua presença em textos também gera dificuldades de compreensão. O arcaísmo traz em si um traço que muito o aproxima da História: ambos aludem a um passado que pode fazer arte ou não do repertório do leitor/ouvinte. Tomemos como exemplo o fragmento abaixo:

Esta crônica é um filme-abacaxi dedicado ao Boco Moco, à Maria Vai com as Outras, ao Zé das Couves, ao Cerca Lourenço e a todos aqueles que já não fazem sentido, mas que outro dia vieram à baila quando alguém, praticando o universal esporte de meter o pau no alheio...

(Joaquim Ferreira dos Santos. *O Globo*, 23/04/09)

“Boco moco”, “maria vai com as outras”, “zé das couves”, “cerca lourenço” são expressões que fornecem atributos em relação a pessoas e procedimentos, empregadas em um tempo distante e, como escreve o cronista – “já não fazem mais sentido”. Reforçando o que afirmamos anteriormente, saber o que significam corresponde, em tese, a saber o que vem a ser “capitanias hereditárias”, “governo geral”, “regência trina provisória”, “entradas e bandeiras”. Conhecer o passado em termos linguísticos mostra-se fundamental para a compreensão da passagem da crônica acima apresentada.

A intertextualidade é outro procedimento frequente em textos de diferentes gêneros, também capaz de constituir obstáculo para a leitura. Matéria publicada no jornal *O Globo*, de 19 de agosto de 2009, apresenta o seguinte título: *A nova guerra de canudos*, fazendo referência à recente revelação de titulações indevidas presentes no currículo lattes da Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. O conhecimento do fato é condição fundamental para que se perceba a criatividade do jornalista, na medida em que lançou mão da polissemia do vocábulo “canudos”, ligando-o ao conceito de “diploma”, do mesmo modo que remete ao episódio história brasileira: a Guerra de Canudos. Por sua vez, as discussões acirradas entre governistas e oposicionistas justificam a metáfora “guerra”, referindo-se aos diplomas (canudos). A presença do adjetivo “nova”, anteposto a “guerra de canudos”, reafirma a intenção da intertextualidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quanto ao recurso da gíria, é necessário lembrar que esta se constrói metaforicamente num pano de fundo que, por sua vez, não é gíria. Consideremos o título *É sinistro!*, que aparece em matéria também publicada no jornal *O Globo*, na data anteriormente referida. O texto ao qual se relaciona o título diz respeito a “pequenos erros do cliente” que “levam à perda da cobertura do seguro”.

Segundo o dicionário Houaiss (2001, *s.v.*), o vocábulo “sinistro”, em uma de suas acepções, significa “qualquer dano havido em bem colocado no seguro”. Como gíria, traduz ideia de “algo espantoso, assustador, que foge ao padrão de normalidade”. O cruzamento desses dois planos de significação é fundamental para leitura plena do título em questão: o envolvimento com companhia seguradora e o emprego gírio, como exteriorização psíquica, marcada adequadamente pelo uso do ponto de exclamação.

O título desempenha funções extremamente importantes, tanto pelo papel que tem de fisgar a atenção do leitor, quanto pela coerência que deve estabelecer com o texto a que se refere, daí o caráter essencial da leitura plena, de modo a atingir as intenções pretendidas.

Outro exemplo de intertextualidade é encontrado na parte verbal de um texto publicitário da empresa Louis Vuitton, publicado na revista *Veja*, de 5 de agosto de 2009. Nele, uma mulher e dois homens, identificados no anúncio como sendo, respectivamente, Sally Ride (primeira mulher americana no espaço), Buzz Aldrin (astronauta da Apollo 11 que deu os primeiros passos na lua, em 1969) e Jim Lovell (comandante da Apollo 13), olham, com expressão de satisfação, a lua. Abaixo da figura, a frase “Celebre a odisseia deles ao espaço...”. A escolha dos vocábulos “odisseia” e “espaço” revela, com nitidez, a intenção de produzir intertextualidade com o título do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Tais escolhas só podem ser devidamente justificadas por aquele indivíduo que conhece, de algum modo, a existência dessa obra de grande sucesso, exibida no Brasil nos final dos anos 60.

Em relação ao recurso que aqui estamos chamando de sinó-nímia circunstancial, cabe explicar tratar-se da aproximação de sentido entre vocábulos que estabelecem relação entre si em virtude de uma situação específica. O fato de o leitor ser capaz de identificar a realidade extralinguística que aproxima as palavras é crucial para a

compreensão do texto.

Como exemplo de utilização de tal recurso, consideremos a charge de Chico Caruso, publicada no jornal *O Globo*, de 19 de agosto de 2009. Com o título *Edilmologia* (segundo Lina Vieira), o chargista apresenta o vocábulo “agilizar” projetando como sombra a palavra “arquivar”. Ao lado da apreensão do neologismo “edilmologia”, que remete à ministra Dilma Rousseff (“o estudo de Dilma”), a leitura da charge exige do leitor informação atual dos fatos políticos nacionais. Deve, pois, perceber a alusão à ministra, saber quem é Lina Vieira, identificar o fato político que as une, para, finalmente, compreender a projeção do vocábulo “agilizar” sobre “arquivar”. O conhecimento do mundo político, ultimamente veiculado pela mídia em geral, é fator determinante para o entendimento da charge.

Ler é produzir sentido. Envolve operações cognitivas bem mais complexas do que unicamente o reconhecimento do significado mais adequado de um vocábulo em função de um contexto estabelecido. Tem razão João Cabral de Melo Neto, ao afirmar no poema intitulado *Rios sem discurso* que “...uma palavra em situação dicionarária: isolada, estanque no poço dela mesma (...) fica “estagnada...” e “porque assim estagnada muda ...”, relativizando o mutismo da palavra, poderíamos pensar que somente no texto toda a força lexical se materializa, entre outros fatores, no intuito de atingir um determinado propósito. Se a construção da linguagem resulta da maneira como o homem apreende a realidade, muito estreita é a relação entre a palavra e o mundo, de tal modo que, conforme demonstraram os exemplos aqui expostos, o conhecimento desse mundo passa a ser imprescindível para a compreensão plena do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA Jr., J. Matoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: J. Ozon, [s.d].

CUNHA, Antônio Geraldo da. O vocabulário português: perspectivas para a realização de estudos lexicológicos e de trabalhos lexicográficos nos países de língua portuguesa. **In:** PEREIRA, Maria Teresa G. *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VILELA, Mário. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.